



PARECER PARA REGISTRO DA “ROMARIA DE CARROS DE BOI DA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO”

I. INTRODUÇÃO

A oportunidade de relatar neste Conselho algumas das Celebrações apresentadas para Registro no Iphan vem me permitindo não apenas alargar meus conhecimentos sobre essa dimensão do patrimônio imaterial como, sobretudo, me encantar com a riqueza, a diversidade e o vigor desse tipo de manifestação cultural em todas as regiões do país. E imaginar como, certamente, deve haver ainda muito por identificar, conhecer e nos surpreender.

De minha parte – e, acredito, como a grande maioria dos brasileiros – tinha notícia muito vaga da **Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno**, que ocorre anualmente no início do mês de julho na cidade de Trindade, estado de Goiás. Mas aceitei com muita honra e entusiasmo o convite, mesmo já sem possibilidade de acompanhar o evento, porque sabia que podia contar, como nas ocasiões anteriores, com extenso e, sobretudo, denso material descritivo e analítico produzido para a instrução do Dossiê de Registro deste bem imaterial.

Além disso, neste caso, sabia também que poderia dispor da inestimável colaboração da antropóloga e professora Valéria Leite de Aquino, autora de exemplar etnografia intitulada Peregrinos do Pai Eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade-GO, dissertação de Mestrado apresentada em 2007 na UFRJ. Além de ter, na ocasião, acompanhado com uma família de peregrinos todas as etapas da romaria, ela retornou a Trindade para a Festa de 2016, podendo assim me transmitir sua análise comparativa muito oportuna para subsidiar minhas observações sobre as questões relativas à continuidade da Festa – particularmente da romaria – e às medidas de salvaguarda. Essa visão comparativa ficou enriquecida com a pesquisa de campo realizada em 2014 para a preparação do Dossiê.

De acordo com o decreto 3.551/2000, “*que institui o instituto do Registro*”, no Livro das Celebrações – no qual é solicitada a inscrição da **Romaria de**

carros de boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade/GO - devem ser inscritos *“rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”* (art. I par 1º., inciso II)

No Brasil, têm predominado as celebrações religiosas ligadas ao catolicismo romano, aqui introduzido pelo colonizador português, que têm como referência o calendário litúrgico, os ritos da Igreja, as figuras e narrativas que constituem as tradições católicas. Por outro lado, em suas manifestações singulares em cada localidade, essas celebrações costumam estar fortemente enraizadas nos contextos ambientais, socioculturais e nas tradições populares locais, o que as particulariza como documentos diferenciados da expressão de uma determinada devoção – constatação que levou o Iphan a optar, para o fim de registrá-las no Livro das Celebrações, por abordá-las caso a caso.

Além das celebrações dos eventos fundadores do Cristianismo – Natal e Semana Santa –, ocorrem, em vários pontos do Brasil, Festas do Divino Espírito Santo (sendo duas, de Pirenópolis e de Paraty, registradas pelo Iphan); em louvor a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora - reverenciados em suas inúmeras feições (sendo o Círio de Nazaré, em Belém-PA, e a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim, em Salvador-BA registrados); e aos inúmeros santos canonizados pela autoridade eclesiástica, que são cultuados em uma ou mais de uma localidades, a exemplo de São Sebastião (padroeiro do Rio de Janeiro e também festejado no amplo território da ilha de Marajó-PA – celebração, neste caso, registrada); Santana (sendo a festa que ocorre em Caicó-RN, registrada); e tantas outras celebrações, algumas já identificadas pelos inventários, outras ainda pouco conhecidas fora de sua área de abrangência. Os Reisados, em comemoração à visita dos Reis Magos a Jesus menino, e as Congadas, de origem africana, por exemplo, são festejos que ocorrem em inúmeras localidades brasileiras, sendo que os primeiros acontecem no dia 6 de janeiro, e as segundas em diferentes datas, mas sempre vinculadas aos festejos em honra a um santo do calendário católico – predominantemente N. Sa. do Rosário ou São Benedito, tradicionalmente venerados pelas comunidades afro-brasileiras.

CMCF

A Festa do Divino Pai Eterno, que ocorre anualmente no município de Trindade-GO, é bastante significativa pelo número de peregrinos que a ela comparecem nos primeiros dias de julho, e foi recentemente apontada por reportagem no jornal O GLOBO, de 19.6.2016, como um dos principais destinos do turismo religioso no Brasil. Mas são aspectos particulares dessa celebração que motivaram o pedido de Registro.

Em primeiro lugar, o foco do pedido de Registro é a romaria de carros de boi que, desde os primeiros tempos dessa devoção, é um meio utilizado por grande número de peregrinos de diferentes localidades para se locomover até Trindade. Como veremos no decorrer deste parecer, a romaria foi se convertendo também em ritual e, finalmente, em tradição considerada fundamental para a identidade dessa celebração.

Em segundo lugar, uma característica que diferencia a Festa do Divino Pai Eterno de Trindade de todas as outras chamadas festas do Divino é o fato de o objeto de culto, neste caso, ser a figura do Pai Eterno – Deus – o que parece ser ocorrência única no país e, segundo os redentoristas, a cidade seria a única no mundo a ter o próprio Deus como padroeiro de um santuário. Para esse fato, porém, não se conseguiu encontrar nenhuma explicação, nem nas narrativas difundidas pela Igreja, nem na tradição oral sobre o tema – questão que voltaremos a abordar neste parecer.

II. TRAMITAÇÃO DO PEDIDO DE REGISTRO

O pedido de Registro, assim como a documentação inicial, e o abaixo-assinado com mais de duas mil assinaturas expressando anuência dos detentores, foram encaminhados em 26 de julho de 2012 à Presidência do Iphan pela Federação Goiana de Carreiros – FEGOCAR e pela Paróquia do Divino Pai Eterno de Trindade. A Paróquia solicitou também ao Iphan, na mesma ocasião, o tombamento da Igreja do Divino Pai Eterno, conhecida localmente como “Santuário Velho”, pedido que foi atendido na 73ª reunião do Conselho Consultivo do Iphan, realizada em 5 de junho de 2013.

A relevância da Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno foi identificada no INRC do Roteiro das Devoções em Goiás, realizado sob a

supervisão da Superintendência do Iphan nesse estado da região Centro-Oeste. A documentação levantada para integrar o Dossiê de candidatura incluiu também trabalhos acadêmicos, obras literárias de ficção que referem a Festa, e registros audiovisuais. A esse material foram agregados Notas Técnicas produzidas na Superintendência de Goiás e no DPI/Iphan; ata da 21ª. reunião da Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial; parecer conclusivo da Coordenadora de Registro do DPI; aviso publicado no Diário Oficial; e parecer da Procuradoria Federal no Iphan, sendo então o processo encaminhado a esta conselheira para elaboração de parecer a ser apresentado à 83ª. reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

III. HISTÓRICO DA DEVOÇÃO, DA FESTA E DA ROMARIA DO DIVINO PAI ETERNO

Segundo as narrativas sobre o surgimento do culto ao Divino Pai Eterno, que circulam com pequenas diferenças em mais de uma versão, o momento fundador dessa celebração ocorreu por volta do ano de 1840, na então localidade de Barro Preto, região rural de Goiás, quando o mineiro Constantino Xavier Maria e sua esposa Anna Rosa de Oliveira, então ali residentes, teriam descoberto um medalhão de barro que retratava ao centro a figura da Virgem Maria sendo coroada, à sua direita, por Jesus, e à esquerda por Deus – o Pai Eterno – tendo no alto de sua cabeça a figura do Espírito Santo.

Esse objeto passou a ser cultuado pelo casal com rezas em sua casa, que foram atraindo vizinhos e outras pessoas da redondeza, o que levou Constantino a encomendar uma réplica maior da imagem, em madeira, a um escultor de Pirenópolis, e a construir, em 1843, segundo a tradição oral, um *“modesto rancho coberto de folhas de buriti”* para servir de capela no local onde é hoje a Igreja Matriz de Trindade, dentro da qual colocou a réplica em madeira do medalhão.

A atribuição de poderes milagrosos à imagem e o pagamento de promessas passaram a atrair cada vez mais devotos, que afluíam ao local a pé ou utilizando os meios de transporte de tração animal então disponíveis. Dentre esses, predominaram os carros de boi, que eram também

instrumento de trabalho fundamental nas atividades rurais que vieram substituir o anterior ciclo de mineração na região. Os condutores desses carros são denominados de carreiros, que são eventualmente auxiliados pelos candeeiros, em geral jovens da família na condição de aprendizes desse ofício.

Com o passar do tempo, o carro de boi foi se convertendo em personagem fundamental da romaria do Divino Pai Eterno, sobrevivendo ao aparecimento de meios de transporte mais rápidos e confortáveis, e se tornando parte essencial das expressões de fé e de devoção que constituem a tradição da Festa.

Foi, portanto, o culto ao Divino Pai Eterno que contribuiu para o povoamento do lugar. Em 1920, o distrito de Trindade – nome que havia substituído o de Barro Preto em 1909, em homenagem ao casal que encontrou o medalhão - foi elevado à categoria de vila e, em 1927, à categoria de cidade. Por outro lado, não há informações seguras sobre a data do início de realização da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, mas, para os peregrinos que partem de Damolândia/GO, foi nos anos 1930 – não por acaso quando formas de locomoção motorizadas passam a ser mais acessíveis no Brasil - que a romaria de carros de boi começou a se distinguir de outras formas de locomoção até Trindade, passando a se constituir em uma tradição indissociável da Festa do Divino Pai Eterno.

Segundo Cláudia Maria Rabelo, na dissertação A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade: uma expressão do catolicismo popular em Goiás, apresentada para Mestrado na Universidade Católica de Goiás em 2001, *“a manifestação da religiosidade popular, nesse primeiro momento, foi espontânea, ainda não se deparou com a hierarquia eclesiástica, era fruto da piedade popular e não obedeceu a uma organização prévia, porém organizou-se com grande margem de liberdade de expressão popular.”* (p. 98). Entretanto, em suas primeiras décadas, a aglomeração de pessoas em clima de celebração deixava espaço também para a festa em sentido profano, tanto para o lazer como para os excessos. A mesma autora cita (p. 101-103) trechos do diário de um viajante alemão que, em 1899, passou pela região nesse momento e fez referência a leilões, na porta da igreja, dos mais variados objetos trazidos pelos romeiros como pagamento de

promessas. Excessos também ocorriam com atos de flagelação e mutilação por parte de peregrinos como forma de demonstrar agradecimento pelas graças recebidas do Divino Pai Eterno.

Esses teriam sido alguns dos principais motivos que levaram à intervenção, na organização da Festa, de padres redentoristas vindos da Baviera e que se estabeleceram na região no final do século XIX. Essa participação, porém, não foi introduzida sem conflitos, pois seu objetivo era, segundo o texto do Dossiê, *“a normatização da romaria de Trindade e seus rituais”* (p. 30) Mas é importante ressaltar que, conforme o mesmo texto, esses conflitos não comprometeram a continuidade da Festa, pois *“ao longo da história (...) romeiros e missionários, muitas vezes em disputas acirradas, foram redefinindo suas posições e estratégias de controle dos rituais da romaria.”* (p. 31)

IV. A ROMARIA NA FESTA DO DIVINO PAI ETERNO

Atualmente a Festa se estende por dez dias, culminando com a Procissão Solene no primeiro domingo de julho, seguida pela Missa de Encerramento. O tempo é ocupado por uma extensa agenda de eventos, religiosos e profanos, em diferentes espaços da cidade, que a cada ano se prepara para receber mais peregrinos.

A história da arquitetura religiosa em Trindade atesta a importância crescente da Festa: ainda em vida Constantino construiu, em 1854, uma capela maior que aquela coberta por buritis, e que foi substituída por outra ainda maior inaugurada em 1878. Com a chegada dos redentoristas, começou a ser construída a Igreja Matriz, inaugurada em 1912, hoje conhecida como “Santuário Velho” porque, em meados do século XX, começou a construção, no alto de uma colina, do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, conhecido como “Santuário Novo”, com capacidade de abrigar grande número de fiéis.

A parte profana da Festa contribuiu para a construção de alguns espaços visando a receber eventos que hoje a integram, como é o caso do Carreiródromo, inaugurado em 2003 para abrigar o Desfile dos Carreiros,

que até então se realizava apenas nas ruas da cidade, o que provocava conflitos por conta de congestionamento e danos ao asfalto.

Segundo informação do Dossiê, calcula-se que Trindade vem recebendo mais de dois milhões de pessoas nos dez dias em que ocorre a Festa, sendo mais de trezentos o número de carros de bois que acorrem em romaria, vindos de diferentes localidades de Goiás e também de outros estados, como Minas Gerais, Distrito Federal e Mato Grosso. Nesses dez dias, as atividades religiosas, com horários marcados, são tidas como obrigações por parte dos devotos, momentos em que expressam sua fé e se fortalecem espiritualmente. Neste parecer, dado o objeto de Registro proposto, vou me limitar a apresentar com mais detalhes aqueles eventos diretamente relacionados à romaria, aos carros de boi e aos carreiros e suas famílias.

Ao chegarem a Trindade, a primeira iniciativa dos romeiros, após a instalação nos pousos, é *“passar aos pés do Divino”*, na Igreja Matriz, e beijar as fitas que pendem da estátua do padroeiro - colocada bem acima do chão - que teriam o poder de *“comunicá-los”* com o Pai Eterno. Nessa ocasião, deixam suas oferendas em dinheiro, prática instaurada pelos redentoristas para conter o que consideravam desvios das expressões de devoção, a exemplo dos excessos já mencionados.

Um evento que ocorre na quinta-feira, inicialmente organizado pela Prefeitura com o objetivo de ordenar o trânsito dos carros de bois na cidade, e que tem os romeiros carreiros como protagonistas, é a Romaria dos Carros de Bois, que percorre as ruas da cidade, partindo da Igreja Matriz até o Carreiródromo, local que, desde 2003, abriga o Desfile dos Carreiros. A esse desfile costumam comparecer representantes do clero e do mundo político – mundo esse também presente na indumentária dos carreiros, onde figuram marcas dos governos estadual e municipal. A passagem dos carros pelas ruas é acompanhada por expressivo público aglomerado nas laterais da via, e, além das imagens, os sons produzidos pelos carros de boi são elementos essenciais na cenografia do cortejo. Já a partir da entrada no Carreiródromo, quando tem início o Desfile dos Carreiros, surge a mediação de um locutor, que identifica a procedência dos carros, assim como seus ocupantes.

Outro evento da Festa referido à romaria é a Missa dos Carreiros, celebrada no sábado na esplanada do Santuário Novo. Nela os carreiros costumam ficar mais próximos do palco, em roupas típicas de boiadeiros, marcando sua presença de forma bem visível ao empunhar suas guias – também chamadas de varas de ferrão – que costumam ser usadas para tanger os bois atrelados aos carros. Muitos erguem seus chapéus na ponta da vara, e assim permanecem durante toda a celebração. Nesse, e em outros momentos da Festa, eles assumem uma identidade especial, como símbolos dos trabalhadores rurais junto ao Pai Eterno. A eles se juntam familiares e conterrâneos, que são assim identificados por trajes com cor semelhante e especificações de nome de família e de origem. Valéria Aquino observa que, nessa missa, membros do clero costumam ficar com chapéu na cabeça, além de se expressarem de modo informal, inclusive tocando berrante e cantando, como forma de marcar a proximidade entre a Igreja e os devotos que a celebração homenageia. (p. 93-94).

Desde 1997, por iniciativa de um padre da cidade, é realizado um evento restrito aos carreiros - o Encontro dos Carreiros - com o objetivo de contribuir para a organização dos romeiros carreiros na manifestação e no encaminhamento à Prefeitura de suas reivindicações visando a melhorar as condições de acessibilidade e conforto durante sua participação na Festa. Essa reunião aponta também, a nossa ver, para o reconhecimento, por parte das autoridades eclesásticas e civis, do papel de protagonistas dos romeiros-carreiros na Festa de Trindade. Esses peregrinos conferem uma identidade muito particular à Festa e também distinguem essa romaria de outras peregrinações e romarias que ocorrem no resto do país, o que, ao que tudo indica, os torna atualmente indissociáveis da imagem da Festa do Divino Pai Eterno.

No chamado Domingo da Festa ocorrem os eventos mais concorridos da celebração, reunindo todo tipo de devotos. Começa com a Alvorada Festiva, com fogos e toques de sinos ainda de madrugada, chamando os peregrinos para a Procissão da Penitência, que sai da Igreja Matriz às cinco horas em direção ao Santuário Novo. Às oito horas tem início, nesse local, a Missa Solene, celebrada pelo arcebispo de Goiânia, a que costumam comparecer também altas autoridades políticas, e que é transmitida por

um canal de televisão regional. Às 17:00 horas as cerimônias religiosas da Festa se encerram com a Solene e Majestosa Procissão, seguida pela Missa de Encerramento, também celebrada pelo arcebispo de Goiânia. Uma queima de fogos marca oficialmente o fim da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade.

IV. A ROMARIA PARA ALÉM DA FESTA

Acredito que a sumária descrição acima ajude a entender a complexidade do recorte proposto para o bem apresentado para Registro. Pois se a romaria em carros de boi é parte essencial da Festa, na medida em que é tematizada em muitos de seus eventos, a constituição de sua identidade se estende para além da Festa, ao concentrar tantos sentidos referentes não apenas a uma determinada devoção popular como ao mundo do trabalho no campo, à história da ocupação da região e a valores enraizados na vida familiar no mundo rural, na tradição, na solidariedade e, sobretudo, na fé, extrapolando o que ocorre nos dez dias da Festa em Trindade. Nesse sentido, concordo com a posição do DPI quando diz que *“o valor patrimonial de referência cultural e formação de identidade está mais presente na Romaria, que congrega grande caráter de devoção, do que na Festa, que abarca outros fatores motivadores, ”* ressaltando, porém, que **“para o Registro, entre Romaria e Festa, seria o caso de registrar a Romaria no contexto da Festa.”** (Parecer Diana p. 3)

A existência e a continuidade dessa Romaria, com todo esse simbolismo, depende, portanto, também de fatores externos à organização da Festa e à afluência de peregrinos a Trindade. Como qualquer bem de caráter imaterial, sua viabilidade pressupõe a existência não apenas de determinados requisitos materiais, mas sobretudo de pessoas com meios e, principalmente, com vontade de reproduzir um processo que só nessas condições pode ter continuidade.

O preparo para a viagem começa bem antes da partida, com a disponibilização de carros adequados para o transporte, de bois adestrados para esse fim, e com a confecção dos alimentos e a organização dos objetos que compõem a bagagem. Esses preparativos costumam envolver toda a

família com tarefas que, tradicionalmente, são distribuídas por gênero, como costuma ocorrer no cotidiano da vida rural: os homens cuidam dos carros, dos bois, do eventual abate de animais para o preparo de carnes que durem durante o percurso; as mulheres cuidam do que será consumido e da arrumação dos objetos. Pois, embora atualmente seja possível diminuir o esforço com essas tarefas, na medida em que existem recursos para tanto no caminho para Trindade e no próprio destino, elas são vistas pelos romeiros – sobretudo os mais velhos, que viveram um tempo em que essa era a única maneira possível de viajar - como rituais que integram a peregrinação, e como expressão da devoção ao Pai Eterno, na medida em que implicam um esforço de todos visando a um fim comum. Mas já é possível ver vários veículos motorizados sendo usados como apoio no transporte de pessoas e carga, alguns com a curiosa alcunha de “figueredos”. Trata-se de veículos híbridos, construídos manualmente, misto de automóvel e carro de bois. (cf. Aquino p. 23)

No caso da romaria que sai do município de Damolândia – objeto de estudo da dissertação de Valéria Aquino e também abordada no texto do Dossiê - a partida dos romeiros é marcada, desde 1992, por uma missa organizada nessa cidade com a participação da prefeitura e de padres, sendo que, em 2014, a cerimônia da partida foi parte do VIII Festival de Sabores da Terra, organizado pela prefeitura, conforme mencionado no texto do Dossiê. Após a missa, o cortejo dos carros saiu em direção a Trindade.

Ao longo das estradas, algumas ainda em terra, os romeiros dispõem de pousos, que podem ser alugados pelos carreiros. Trata-se de campos onde podem armar suas tendas e acomodar as famílias e os bois - forma de hospedagem que também utilizam durante sua estada em Trindade.

Esses momentos de convivência, particularmente entre membros de uma mesma família, são vividos como preciosas oportunidades para estreitar laços afetivos em torno de objetivos e crenças comuns, e também para transmissão aos mais novos de lembranças, práticas e valores. Entretanto, podem ocorrer momentos de conflito entre os romeiros, como, por exemplo, quando os jovens circulam em veículos com som muito alto, perturbando os que querem descansar após a viagem. De resto, durante o período da festa, os membros das famílias se dividem entre os inúmeros

eventos, religiosos e profanos, mas compartilhando momentos e práticas no pouso onde se instalaram.

Um ritual de grande significado entre os romeiros carreiros é, ao final da estada em Trindade, dividirem entre si os alimentos que ainda restam, conforme observou Valéria Aquino. Nessa ocasião, é usual as famílias compartilharem não apenas os gêneros, como também da refeição noturna. Além disso, segundo a pesquisadora, estabelece-se uma partilha dos alimentos com outros peregrinos, prática *“perfeitamente compatível com a ideia, corrente entre os carreiros, de que é necessário consumir todo o alimento levado para a peregrinação.”* (p. 79) Esses gestos de dávida, que Valéria Aquino associa à noção de *potlach* tal como definida por Marcel Mauss, indicariam que também os alimentos, *“por estarem inseridos no ritual (da romaria) se tornaram sagrados.”* (p.80)

O retorno dos romeiros para as localidades de origem se dá de forma mais informal, e as comemorações pela volta, quando existem, costumam ocorrer no âmbito das famílias.

V. AVALIAÇÃO DA PERTINÊNCIA DO BEM PARA REGISTRO

As romarias podem ser consideradas como um tipo de peregrinação, na medida em que são movimentações de grupos que se dirigem a um local de culto, movidos por uma devoção comum. No Brasil, destacam-se as romarias para Bom Jesus da Lapa-BA, Juazeiro-CE, além de Aparecida-SP, onde se situa o maior santuário, o da padroeira do Brasil, romaria esta immortalizada na conhecida canção de Renato Teixeira. A esse conjunto se acrescenta atualmente a romaria de carros de bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade-GO, objeto de análise deste parecer.

Com mais de cem anos de existência, uma peregrinação que teve início pelos meios então disponíveis – predominantemente de carro de boi ou a pé – até uma capela em uma pequena cidade de Goiás, hoje permanece viva, mantendo inclusive um meio de locomoção praticamente em desuso também como instrumento de trabalho no meio rural, além de práticas que

eram tradicionais nesse meio e que passaram a ser ritualizadas pelos romeiros atuais.

Talvez um dos aspectos que mais chamam a atenção na análise da romaria do Pai Eterno é, como observa Valéria Aquino, exatamente essa resignificação, operada sobretudo pelos romeiros-carreiros, de referências de um passado rural, presentes em lembranças e mesmo em uma certa nostalgia de um modo de vida que não mais existe. Essas referências, assim como as práticas a elas associadas, passam a operar como “rituais simbólicos” que conferem a esses peregrinos um papel central na Festa do Divino Pai Eterno. Mas, para serem “autênticos”, esses rituais devem expressar fé e devoção - essas sim imutáveis na sua força - a essa divindade tão singular por parte dos peregrinos que realizam anualmente a romaria a Trindade

Por outro lado, a Festa cresceu, e outros atores participam atualmente de sua organização: o clero, a prefeitura, associações civis, e a própria população de Trindade. Mas, felizmente – pelo menos a partir dos depoimentos que integram o dossiê – prevalece nas relações entre esses atores, apesar de eventuais conflitos, a busca de consensos em torno de interesses comuns. Nesse sentido, iniciativas do poder público para melhorar as vias de acesso a Trindade – como a Rodovia dos Romeiros, construída às margens da GO-060 em 2014, e onde foi feita uma Via Sacra, além de delimitação de uma faixa exclusiva para os carros de boi na estrada que parte de Damolândia – e a mobilidade na cidade durante a Festa – que já foi fonte de vários conflitos – atendem a reivindicações dos romeiros, como as que vêm encaminhando por meio dos Encontros dos Carreiros, e muitas das quais estão elencadas na parte final do texto do Dossiê.

Sem dúvida, o crescente lugar que o espetáculo vem ocupando nos eventos da Festa representa um desafio para sua continuidade, tal como se constituiu ao longo de mais de um século. Por outro lado, vários eventos introduzidos nos últimos anos, mesmo profanos, possivelmente têm contribuído para dar visibilidade aos romeiros ao consagrar o seu lugar na celebração, e para integrar novos peregrinos à Festa.

MACAF

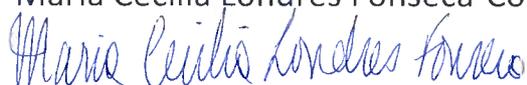
Mas, sem dúvida, a questão mais importante no sentido de contribuir para a continuidade da Romaria do Divino Pai Eterno é a da transmissão, para as gerações mais jovens, dos saberes e valores que viabilizam a romaria e lhe conferem poder simbólico essencial na Festa do Divino Pai Eterno. Os testemunhos em que se baseia este parecer indicam a possibilidade de prognósticos positivos. A força da cultura do carro de boi como símbolo de uma memória coletiva dos romeiros carreiros, cuja presença é tão importante para a Festa do Divino Pai Eterno, tem hoje forte poder agregador entre as gerações, que compartilham não mais um modo de vida, mas rituais que conferem a essas famílias uma identidade própria, particular. Nesse sentido, os esforços e desconfortos envolvidos na romaria de carro de boi seriam sentidos hoje não como sacrifício, mas como um “sofrimento gostoso”, nas palavras de uma jovem mulher de família romeira de Damolândia. (AQUINO p. 106)

Esse empenho dos romeiros carreiros e suas famílias em transmitir às novas gerações os valores associados a essa peregrinação de modo a viabilizar sua continuidade seria, segundo o parecer conclusivo, um dos aspectos distintivos entre a Romaria de Carros de Boi do Divino Pai Eterno e a Festa do mesmo nome que se realiza anualmente em Trindade. (p.12)

Por reconhecer a representatividade e a relevância da Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, o interesse dos atores envolvidos na sua continuidade e, principalmente, a sua vitalidade, para o que podem contribuir as medidas de salvaguarda propostas no texto do Dossiê, a serem discutidas com a comunidade para a elaboração de plano de salvaguarda, sugiro a este Conselho a aprovação de sua inscrição no Livro de Registro das Celebrações.

Brasília, 15 de setembro de 2016.

Maria Cecilia Londres Fonseca-Conselheira.



EM 1000